



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA “VOVÓ NAGÔ E PAPAÍ BRANCO” DA
AUTORA BEATRIZ GÓIS DANTAS**

MATHEUS TAVARES SOUZA

São Cristovão/SE

2019

MATHEUS TAVARES SOUZA

**ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA “VOVÓ NAGÔ E PAPAI BRANCO” DA
AUTORA BEATRIZ GÓIS DANTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal de Sergipe (UFS) para obtenção do
título de licenciado em História.

Orientador:
Prof. Dr. Petrônio José Domingues

São Cristovão/SE

2019

RESUMO

Este trabalho busca realizar uma análise historiográfica da obra *Vovó Nagô e Papai Branco*, que consiste na tese de mestrado de Beatriz Góis Dantas. A autora do livro é uma renomada pesquisadora da Antropologia Social, e ao longo de sua carreira trilhou pontes entre a História e a Antropologia. A sua popularidade ganhou notoriedade após a publicação da tese em livro, na qual defende uma leitura divergente na temática religiosa afro-brasileira, no que se refere à criação dos terreiros de candomblé e suas vertentes. A partir de entrevistas e da própria obra, esse trabalho busca compreender as premissas substanciais que culminaram na elaboração da pesquisa, do ponto de vista pessoal, acadêmico, social e cultural. É considerável ressaltar, que a opinião da autora tange muito forte no trabalho, pois a maioria das informações extraídas derivam de suas entrevistas.

Palavras-chave: *Vovó Nagô e Papai Branco*. Beatriz Góis Dantas. Análise Historiográfica.

SUMÁRIO

1 SOBRE A AUTORA	5
2 CONTEXTO HISTÓRICO	9
3 REPERCUSSÃO DA OBRA	11
4 SÍNTESE DO LIVRO	13
5 TESE CENTRAL DO LIVRO	14
6 ESTILO DE NARRATIVA E FONTE.....	15
7 INFLUÊNCIAS TEÓRICAS E PRINCIPAIS DEBATES.....	16
8 OPINIÃO DA AUTORA.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS	21

1 SOBRE A AUTORA

Beatriz Gois Dantas é professora, pesquisadora da Antropologia, e autora de vários livros, dentre eles, o seu célebre é o *Vovó Nagô e Papai Branco*. Casada com o historiador Ibarê Dantas, com quem afirma seu crescimento intelectual, e atuante na área cultural, a professora tem uma enorme preocupação com a preservação de patrimônios ameaçados, de assegurá-los para as futuras gerações. É uma intelectual teorizada pela Antropologia, que através do ensino e pesquisa busca entender o mundo e interagir com o mesmo.

Dantas é oriunda do meio rural. Seu pai foi fazendeiro de gado e já se deslocou muitas vezes em busca de educação para seus filhos, de Lagarto para Boquim, depois para Itabaianinha e por fim, Aracaju.

Ela iniciou seus estudos em Boquim e concluiu o antigo primário em Itabaianinha. Em Aracaju, foi aluna interna do Colégio Nossa senhora de Lourdes, estudou o ginásio, o científico e, ao mesmo tempo, fez o curso pedagógico. Em 1963, graduou-se em Geografia e História (nesse contexto era um curso único) pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Alguns anos depois, a professora foi integrada no corpo docente dessa instituição como professora na área de Antropologia, e mais tarde, incorporada à Universidade Federal de Sergipe em 1967 na sua origem. A partir desse contexto em sua vida, a professora passou a se dedicar ao estudo, ensino e pesquisa no campo da Antropologia, e em 1982, tornando-se mestra pela Universidade Estadual de Campinas (SP) – Unicamp.

Durante o curso de graduação em História e Geografia da Faculdade de Filosofia da Beatriz, as disciplinas de Antropologia tinham uma presença forte. A Antropologia, Etnologia e Etnografia do Brasil foram disciplinas que integravam no curso dela, e eram ministradas em três anos seguidos.

As aulas da professora Josefina Leite Campos marcaram muito a sua vida, ao ponto de se apaixonar por esse campo de estudo. Essa foi a professora que instruiu Beatriz a trilhar os primeiros passos na pesquisa, e logo em seguida foi substituída por sua discípula. Ela então passou a ministrar a disciplina de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, e mais tarde, alcançou vários alunos de diferentes cursos após a implantação da UFS.

Beatriz sempre teve contato com acadêmicos da História devido a sua curiosidade em História de Sergipe, tal interesse foi intensificado devido ao convívio com o cientista político e historiador Ibarê Dantas, seu esposo. Sempre manteve estreita relação com a História, e apesar de ser antropóloga, se envolveu em vários projetos com o departamento de História. Em 1970

deu início à reorganização do arquivo público estadual, atuando no projeto de Fontes Primárias em conjunto com o departamento de História, e também, contribuiu com a temática indígena em um dos capítulos de uma obra coletiva realizada pelos professores de História, *Textos para História de Sergipe* (1991), além de trabalhar na coordenação de um grupo de bolsistas do curso de História, que também contribuiriam para as pesquisas da Beatriz sobre o indígena.

O curso de graduação de Ciências Sociais na UFS foi criado no início da década de 90, quando a professora estava se aposentando, e devido às circunstâncias, ela atuou nas diversas interfaces do conhecimento, construindo diálogos entre História e Antropologia, antes da disseminação da última ciência citada nos campos de conhecimento.

A obra *Vovó Nagô* é resultado da tese de Mestrado em Antropologia da professora, quando cursou na UNICAMP (SP) entre 1978-1979. Ela defendeu a tese em 1982, e a banca avaliadora recomendou-a para a publicação na editora Brasiliense, referência de publicações universitárias no momento. Mesmo com tentativas de negociações, a tese somente tomou forma de livro na editora Graal do Rio de Janeiro, no ano centenário de Abolição da Escravatura, com a ajuda do Rubém César Fernandes, seu professor da UNICAMP, que mais tarde transferiu-se para o Museu Nacional e coordenava o Instituto Superior de Estudos da Religião. Naquela época, já havia vários trabalhos publicados na área de folclore, religiões populares e etno-história indígena da professora.

A tese da professora foi escrita entre 1980 e 1982, para cumprir a exigência acadêmica de conclusão de mestrado. O recorte do tema foi iniciado no começo da década de 1970, derivado de um longo processo de pesquisa. Após a professora concluir seu trabalho com a Taieira (1972), ela já trabalhava outro tema de pesquisa em conjunto, que foi um esmiuçado estudo sobre o Terreiro de Santa Barbara Virgem, dirigida por Bilina naquela época, que também foi chefe da Taieira. A Bilina faleceu em 1974 e, entre 1972 e 1976, a professora Beatriz observou de perto a dinâmica do centro de culto, registrando os rituais, o sistema de crença; a composição do grupo de culto; as relações entre chefia e o corpo de fiéis; e a inserção do terreiro no cotidiano da cidade. Após o relatório da pesquisa, ela encerrou o trabalho depois de observar o processo sucessório da chefia.

A professora Beatriz analisou os dados coletados a partir da perspectiva do culturalismo e chegou a uma conclusão interessante e desconcertante: “Os critérios de delineamento da “pureza nagô” em Laranjeiras não se coadunavam com a “pureza nagô” dos tradicionais candomblés da Bahia”, de acordo com os registros da monumental literatura sobre cultos afro-

brasileiros, que desde a década de 30 fazia comparações entre África e Brasil, uma literatura que ela pesquisou arduamente e que alfinetou sua curiosidade intelectual.

As religiões afro-brasileiras tornaram-se objeto de pesquisa de temas fortes da Antropologia no Brasil desde os anos 30 e 40 do século XX. Existe uma rica tradição de estudos nessa área, principalmente no Nordeste. No âmbito de Sergipe, mesmo com as contribuições acadêmicas de Felte Bezerra, o campo dos cultos afro-brasileiros era pouco conhecido, isso na década de 40 e 50, próximo da observação feita por Roger Bastide na década de 70. E segundo a Beatriz, o seu interesse não era novidade.

O primeiro contato da professora Beatriz com os terreiros ocorreu na década de 60, enquanto aluna da Faculdade Católica de Filosofia, pois sua professora Josefina Leite costumava dar aula em campo sobre o tema, uma prática que Beatriz assimilou. Esse contato com o terreiro era uma forma de ajudar a desmistificar o preconceito sobre a religiosidade afro, algo muito intenso naquela época. Através desse contato, Beatriz foi familiarizando-se com os terreiros, um local de extrema importância na prática cultural da sociedade sergipana, sendo uma das diversas práticas que atraíram a percepção antropológica da professora.

Nesse ritmo, a cosmovisão foi se constituindo, sempre com interesse de atender as perguntas dos alunos em sala de aula. Então, a professora Beatriz começou a consultar o arquivo da Secretaria de Segurança Pública, onde os terreiros eram fichados para o controle da polícia. De posse dos endereços, mapeou a localização de muitos centros de culto. Entre os anos de 1968 e 1969, em conjunto com os alunos, realizou um levantamento no segmento afro-aracajuano. Mas foi no início da década de 1970, quando a professora Beatriz ficou fascinada por encontrar um campo de pesquisa que lhe possibilitasse aprofundar seus estudos, o terreiro em Laranjeiras onde conheceu Bilina através da Taieira, e assim chegou ao Nagô. Foi a própria Bilina que sugeriu à professora elaborar uma pesquisa nesse terreiro, após receber o livro sobre a Taieira.

A professora ressalta esse assunto em *Mensageiros do Lúdico* (2013) e na Introdução de *Vovó Nagô*. Este livro “foi desdobramento de um problema de pesquisa identificado na etnografia do terreiro realizada nos anos 1970”, e que gerou um minucioso relatório e alguns trabalhos apresentados em reuniões científicas e publicados como artigos. Anos mais tarde, a professora escreveu um ensaio sobre *Nanã de Aracaju: trajetória de uma mãe plural* (2002) a convite de um professor da USP, e sua última contribuição nesse campo de pesquisa foi um artigo sobre a presença de objetos dos terreiros no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE, 2014).

Portanto, existe um interesse da professora Beatriz no estudo das religiões afro-brasileiras, que entrelaçou em sua vida intelectual. Sua religião não interferiu no processo de pesquisa, pois, faz parte da prática do antropólogo relativizar o outro, ou seja, colocar-se perante ao outro, com o intuito de entendê-lo com seus próprios olhos. E a professora fez isso com os diversos terreiros e temas pesquisados.

No caso específico do estudo sobre o terreiro de Santa Bárbara, a professora foi aceita como “a professora que queria estudar o nagô”. Foi bem recebida com o “querer saber para estudo” diferente do seu “saber vivência”. A experiência da pesquisadora com esse terreiro fez esclarecer alguns pontos sobre a “pureza nagô”, pois para trabalhar com esse grupo onde a influência católica é forte, o batismo é pré-requisito para pertencer ao Nagô. Isso levanta a questão da mesclagem com o catolicismo, que não corrompe a “pureza nagô”. A professora ressalta que esse trabalho é anterior ao movimento de reafricanização das religiões afro-brasileiras que se observa no Brasil a partir da década de 80, que pregou a exclusão de crenças e práticas da tradição católica presentes nos terreiros.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

A pesquisa da professora Beatriz Gois Dantas que resultou na obra *Vovó Nagô* foi elaborada durante a Ditadura Militar no Brasil entre os anos de 1978 e 1979, antes de tomar forma de livro em 1988. É importante ressaltar que esse foi um período de grande repressão popular, perseguição política e anulação de direitos básicos da população brasileira.

A década de 1980 foi marcada pelas várias manifestações populares as quais reivindicaram abertura política, o que resultou no movimento denominado “Diretas já”, e envolveu grupos de vários setores da sociedade, tais como, intelectuais, artistas, grupos religiosos e sindicais e partidos políticos recém-formados (PT, MDB, PSDB).

A organização desse movimento contribuiu para a redemocratização do país, que possibilitou uma aproximação das camadas populares no processo eletivo de governantes, apesar de não ter total sucesso, foi alcançado a ocupação do cargo de presidente com Tancredo Neves, mesmo com eleições indiretas através do Congresso Nacional. Porém quem assumiu o cargo foi José Sarney, devido ao falecimento do presidente escolhido.

No aspecto econômico, a gestão herdou débitos exorbitantes oriundas dos governos anteriores e seus planos de desenvolvimento, porém não houve mudança nas medidas ortodoxas da equipe econômica, que se baseiam no corte de gastos do governo e aumento de arrecadação. Somente com chegada de Sarney que houve medidas mais heterodoxas, com a flexibilização de uso dos cofres públicos em necessidades nacionais.

Outro problema desse aspecto diz respeito aos altos índices inflacionários do período e estagnação econômica, pois de acordo com Skidmore (2000, p. 71) citado por Riberio (?)

Para efetuar os pagamentos da dívida externa, o governo recorria à crescente dívida pública interna e à criação de dinheiro inflacionário, o que significava que o serviço da dívida externa havia forçado o governo brasileiro a alimentar as chamas da inflação que estava crescendo.

Por causa desse período conturbador na economia, várias medidas de estabilização foram tomadas, Plano Cruzado, Plano Bresser e Plano Verão, mas logo não obtiveram resultados satisfatórios até o mandato dos governos de Itamar e FHC. Por esses motivos, os anos 80 ficaram conhecido para o brasileiro como a década perdida, em função dos fracassos de estabilização econômica.

Após a promulgação da Constituição de 1988, concretizou-se o fim da ditadura e a repressão popular de forma institucionalizada. Segundo Skidmore (2000, p. 269) citado por Ribeiro (?)

Os lobistas representando grupos esquerdistas da Igreja, o movimento sindical e a comunidade de direitos humanos foram especialmente ativos. Boa parte de seu conteúdo representava uma vitória para o ideário populista contra muitos princípios defendidos pelo governo militar.

Esse foi um novo marco na História do Brasil, após o processo de abertura política instigada pela pressão popular, o fim da tortura e da censura institucionalizada. Em seguida, Fernando Collor venceu Lula na disputa eleitoral, com seu discurso moralizante e salvacionista, com a promessa de acabar com os privilégios do funcionalismo público. Porém, logo após um curto espaço de tempo sofreu o processo de impeachment.

No aspecto intelectual e cultural, é notório que a ditadura brasileira reprimia qualquer iniciativa de ameaça ao seu governo. E para pôr em prática os seus projetos culturais, perseguia, censurava e oprimia intelectuais e artistas que reivindicavam a liberdade de expressão. Na década de 70 ficou evidente um projeto de comunicação cultural financiado pelo Estado ou pelo setor privado. No governo de Geisel (1975-1979), esse projeto também visava a adesão dos artistas da oposição. Nesse contexto as instituições governamentais de incentivo à cultura ganharam atenção, como foi o caso da Embrafilme, do serviço nacional de Teatro, da Funarte, do Instituto Nacional do livro e do Conselho Federal de Cultura.

Os investimentos governamentais em telecomunicações buscaram a união e segurança do território brasileiro, e incentivaram a criação de grandes redes nacionais de televisão, que particularmente foi o caso da Rede Globo. Essa rede de televisão foi criada e adestrada para propagar a Ditadura brasileira.

Para Sérgio Paulo Roanet e Renato Ortiz, a indústria cultural brasileira dos anos 80, juntamente com Rede Globo, são herança caricatural das propostas populares de 60. Segundo Roanet (1988 apud RIDENTI, 2005) a ideia de autenticidade que a mídia interpreta como defesa do mercado brasileiro contra os enlatados americanos e a preocupação com a identidade cultural, que a televisão procura resgatar, reservando um espaço para programações regionais, intercaladas entre programas de âmbito nacional. É dele, enfim, que vem seu traço mais típico, o antielitismo, concebido como repúdio à cultura “erudita”.

3 REPERCUSSÃO DA OBRA

Entre a defesa da dissertação e a publicação do livro foram seis anos. Nesse período a professora Beatriz atendeu a muitas solicitações de cópias, oriundas de estudantes de cursos de pós-graduação de diversas universidades do Brasil e até da França. O livro editado no Rio de Janeiro teve uma vasta circulação e passou a representar bibliografia de vários cursos na área de Ciências Sociais e História. A internet auxiliou na busca da repercussão através de resenhas, citações e referências bibliográficas que o Google acadêmico e outros sites tem registrado. São 667 resultados encontrados de citações da tese *Vovó Nagô* no Google acadêmico.

Através da publicação do livro em inglês, com o título *Nagô Grandma & White Papa* (2009), a repercussão e circulação do livro ampliou-se. Essa publicação é resultado de um programa da Universidade da Carolina do Norte dos Estados Unidos, com objetivo em estudos sobre a América Latina.

John French foi um dos encarregados de fazer seleção de obras brasileiras que poderiam entrar no catálogo da editora, esteve na UFS e manteve contato com o professor Paulo Neves do Departamento de Ciências Sociais, pois, a professora Beatriz já estava aposentada. O professor a consultou, e ao receber a sua confirmação, encarregou-se de reunir pareceres de especialistas sobre o livro. O livro *Vovó Nagô* foi submetido ao Conselho Editorial da Universidade da Carolina do Norte e foi aprovado.

A adaptação para a língua inglesa abriu novos horizontes para a obra, e dessa forma, novas discussões sobre o livro ajudou a divulgar a Universidade Federal de Sergipe. O nome da Universidade aparece na contracapa do livro ao identificar a autora da obra, pois é uma forma de prestigiar a UFS, entidade a qual Beatriz faz parte do corpo docente.

O professor de História do Brasil na Universidade Estadual de Campinas, Robert Slenes, afirma que "o livro permanece surpreendentemente relevante para os debates teóricos correntes sobre essas questões bem como para a área de estudos sobre a diáspora africana".

Mark Healey, professor de História na Universidade da Califórnia em Berkeley destaca: "A profundidade, a preocupação e a sofisticação da pesquisa e da análise dela (Beatriz Dantas), fizeram desse livro um modelo para a geração acadêmica brasileira. A tradução para o inglês traz para esse trabalho criativo o amplo público que ele merece".

O professor Paulo Neves, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), diz que o livro "inaugura uma corrente de análise das mais pertinentes no quadro dos estudos raciais no

país. Além disso, é importante para se compreender o movimento negro na atualidade através das relações locais que reconstroem a África de forma mítica".

Michel Agier, antropólogo francês, e diretor do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (EHESS) diz que “Dentro dessa nova orientação temática, duas obras podem ser consideradas as mais marcantes e polêmicas, adotando a postura teórica mais radical contra os estudos que tratavam o candomblé como religião étnica. Dantas (1988) centra a sua pesquisa sobre o significado da referência à pureza africana e nagô nos candomblés do Nordeste”.

4 SÍNTESE DO LIVRO

Todos os capítulos já se encontram resumidos na obra *Vovó Nagô* entre as páginas 29 e 30. O primeiro capítulo constitui-se de um mapeamento do campo afro-brasileiro de Laranjeiras, que vai servir como pano de fundo para análise do Nagô, tornando-se operante na presença de outros, com quem o nagô disputará fiéis e clientes no mercado de bens simbólicos.

No segundo capítulo, a partir das representações da mãe-de-santo nagô sobre si e sobre o seu terreiro, Beatriz procura ver como acontece o processo de legitimação dessa religião pela África, a qual História e Genealogia estaria ligada pelas origens e por uma herança cultural que teria sido conservada sem “mistura”, o que constituiria a marca de sua distinção no segmento afro-brasileiro local.

O terceiro capítulo baseia-se nas representações da mãe-de-santo nagô sobre os outros terreiros e sobre a religião católica. Nesse contexto, Beatriz retoma a dicotomia Nagô-Toré e Puro-Misturado esboçadas no primeiro capítulo, com intuito de analisar as categorias subjacentes a este esquema de classificação (Africano-Índio e Bem-Mal), mostrando através da combinação com a Igreja Católica (que não degenere o nagô) como os delineamentos da pureza e da mistura seguem as linhas dos dominantes e dominados na estrutura social.

No quarto capítulo, a autora alarga o campo de análise e procura mostrar que a pureza nagô não resulta necessariamente da fidelidade a uma tradição, mas de uma construção na qual os intelectuais têm papel destacado. Nessa perspectiva, a fidelidade à África é apresentada como componente do regionalismo dos anos 30. Ela mostra também como o “nagô puro” é transformado em “verdadeira religião”.

No último capítulo, retorna o campo de análise nagô ao de Laranjeiras para verificar como o movimento intelectual de exaltação do africano, enfocado no capítulo anterior, reflete-se numa pequena cidade do Nordeste, e como o terreiro nagô, tendo firmado sua exclusividade de tradição africana mais pura, usa-a no mercado concorrencial de bens simbólicos em busca de sua sobrevivência.

5 TESE CENTRAL

Para a professora Beatriz Gois Dantas, interessa-lhe tentar entender o que significa essa busca incansável da África e, especialmente, a exaltação da tradução “nagô mais pura”, feita por uma linha de pensamento de intelectuais.

Em suma, a Beatriz rompe com as ideias dominantes no que se refere à criação das manifestações religiosas afro-brasileiras, e propõe uma nova leitura na configuração existencial delas. Para ela a “pureza nagô” não provem de uma resistência ou contribuição na mistura de crenças na formação do Brasil, e sim uma construção social em justaposição de vários atores sociais e diversos segmentos da sociedade e Estado para legitimar espaços de poder no mundo do candomblé.

6 ESTILO DE NARRATIVA E FONTES

A narrativa reflete estilo acadêmico do desenvolvimento de pesquisa, para atender as exigências do mestrado através das normas de elaboração de trabalho acadêmico, e não foi adaptada para atender um público ampliado. Por esse motivo demorou para obter forma de livro, sendo que a publicação da dissertação atendeu mais a atenção do público acadêmico.

A professora não fez mudanças significativas, somente alguns ajustes, como a identificação dos terreiros com o nome de seus respectivos chefes, após a autorização deles, e a inserção de uma breve explicação do capítulo 1 sobre a atualidade das questões trabalhadas.

Segundo Beatriz, sua pesquisa foi resultado de um longo processo de reflexão e análise dos dados empíricos e uma familiaridade muito grande com a literatura sobre religiões afro-brasileiras, uma vez delimitado o tema e o problema central da dissertação, não houve mudanças no direcionamento. Ela utilizou autores que mais se alinhavam em análise de dados empíricos, e durante a construção da pesquisa foi dialogando diferentes perspectivas teóricas.

Em relação às fontes, faz uma distinção no que se refere às fontes escritas e os dados coletados no campo com as técnicas mais utilizadas na Antropologia. As fontes escritas foram necessárias para contextualizar a história das religiões afro-brasileiras em Laranjeiras. Os procedimentos utilizados na coleta de dados no campo consistem em observação participante, entrevistas, registros de sons e imagens, e a inclusão que fez por conta própria das redações de alunos da cidade, em que procurava perceber as representações e classificações de segmentos nativos sobre o campo religioso afro-laranjeirense.

No levantamento de campo ela não encontrou dificuldades, ampliou a área de observação que na década de 1970 restringia-se ao Terreiro de Santa Bárbara Virgem, e entrevistou vários chefes de terreiros da cidade sem problemas, ao passo em que o trabalho ia ganhando forma.

Em relação às fontes escritas para fundamentar a presença de Africanos fundadores da religião em Laranjeira, houve mais dificuldades. Ela também consultou o Arquivo Público Estadual, manuscritos da Prefeitura, do Cartório e da Igreja (registro de nascimento e óbito) em Laranjeiras, sem muita profusão. Mas, foram os jornais que deram mais pistas, contudo, as informações mais importantes vieram da tradição oral extraída na cidade, pois na época que Beatriz pesquisou nesse campo, não havia muitos trabalhos sobre a cidade de Laranjeiras, diferente da atualidade.

7 QUAIS AS INFLUÊNCIAS TEÓRICAS E OS PRINCIPAIS DEBATES

A pesquisa de Pós-graduação do PPGAS (Pós-Graduação em Antropologia Social) no IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) da UNICAMP trilha em nove linhas teóricas em Antropologia Social, desenvolvidas pelos discentes e docentes da instituição: Cultura e Poder; Diferenças e Identidades; Envelhecimento e Relações entre Gerações; Etnologia; Natureza, Cultura e Tecnologia; Religiões no Mundo Contemporâneo; Sexualidade, Gênero e Corpo; Territorialidades e Processos Sociais; Trajetórias e Etnografia do conhecimento.

Como afirma a professora Beatriz, cada obra é filha do seu tempo, e *Vovó Nagô* reflete muito os debates que ela acompanhou na UNICAMP, como aluna do mestrado. Na época a UNICAMP era uma universidade nova e o curso de Antropologia seguia várias orientações teóricas. A Antropologia Social Inglesa era a vertente mais destacada, particularmente o Estruturalismo de Lévi-Strauss e algumas influências do Marxismo de Gramsci e outros intérpretes, através do diálogo com os professores de Ciência Política. O fator que contribuiu o trabalho multifacetado da professora com áreas conexas foi a interação entre os pesquisadores, assim, ela reconhece e prestigia tributo à formação em História.

O departamento de Antropologia reunia muitos professores jovens, alguns retornados da Europa, que estudaram com renomes do campo de pesquisa. Foi o caso de Manuela Carneiro da Cunha, ex-aluna de Lévi-Strauss, Antônio Augusto Arantes, ex-aluno de Edmund Leach e de Peter Fry, que fizeram cursos com Mary Douglas, antropólogos que desenvolviam novos estudos para a Antropologia. Alguns deles a professora Beatriz já conhecia de trabalhos publicados no Brasil, o caso de Edmund Leach, um texto publicado em 1976 intitulado *Repensando a Antropologia*, que ajudou na fundamentação do argumento em defesa da realização do Encontro Cultural de Laranjeiras no mês de janeiro, época em que a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário apresentava várias expressões folclóricas, marcando o calendário local e o tempo social da comunidade.

No ritmo de efervescência da UNICAMP, adotado de várias correntes teóricas e de ampla interlocução inter e intradepartamental, a professora aprofundou-se em muitas leituras de diversos autores como Frederick Barth, Abner Cohen e Marshall Sahlins. Sob a orientação de Manuela Carneiro da Cunha, que pesquisou sobre os escravos retornados para a África no século XIX, e a orientação de Peter Fry, que na época estudou a comunidade negra do Cafundó em São Paulo, a professora desenvolveu sua tese estimulada pelo achado etnográfico da divergência entre a “pureza nagô” delineada em Laranjeiras e na Bahia, em que ela não

conseguiria encontrar explicações na perspectiva do Culturalismo. O diálogo entre diversos autores forneceu para ela uma estrutura teórica para a tese, que inclui a etnicidade trabalhada por Friederick Barth.

Segundo Beatriz, ela desenvolveu a dissertação em dois planos. O primeiro foi elaborado no âmbito regional, a partir da análise do campo afro-laranjeirense, centrando a etnografia no terreiro de Santa Bárbara Virgem, autodenominado e reconhecido como “nagô puro”, que se distingue dos demais centros de culto-afros da cidade denominados “torés” ou “misturados”, e procurando identificar os sinais de pureza declarado pelo Nagô, então para singulariza-los. E no segundo plano, expande o desenvolvimento para o plano nacional, sobretudo o nordestino, utilizando a bibliografia.

A partir desse recorte, a pesquisadora trava uma discussão com uma vertente dominante na tradição dos estudos afro-brasileiros, e procura analisar a “pureza” como uma construção social da qual participavam vários atores sociais, até mesmo antropólogos. Estes, desde o final do século XIX, e também na década de 1930 e 40, intensificaram a concretização da ideia “pureza nagô”, categoria dos próprios terreiros, mas que se tornou categoria analítica, legitimando posições nas disputas por poder no mundo dos candomblés.

Em seguida, desloca o foco da interpretação da África para o Brasil, onde as alianças e conflitos entre diferentes atores entram na configuração das formas religiosas denominadas afro-brasileiras, perspectiva antecipada por Yvonne Maggie. Ao ampliar a relação dos cultos com diversos setores da sociedade e com o Estado, ela rompeu com a visão usual dos cultos fechados em si mesmo, com objetivos de vê-los em diálogo com várias forças da sociedade brasileira.

A obra *Vovó Nagô* tornou-se alvo de questionamentos, principalmente dos estudiosos da reafirmação dos terreiros, linha que se torna forte a partir dos anos 80. Situação que ocorre com todas as obras que se arriscam a questionar ideias vigentes e propor novas leituras. Isso foi bem recebido pela professora, pois para ela, as críticas e divergências são naturais e desejáveis na vida acadêmica.

8 OPINIÃO PESSOAL

A professora Beatriz diz que muitos críticos consideram *Vovó Nagô* como um desvio na área de estudos sobre as religiões afro-brasileiras e houve até quem o apresentasse como uma contribuição à sociologia do conhecimento, como foi explanado numa das primeiras resenhas publicadas sobre o livro na Revista *Religião e Sociedade* por Maria Laura Cavalcanti em 1990. Beatriz diz que alguns trabalhos utilizaram a sua tese como referência em resenhas e comentários, entretanto existem avaliações muito positivas, como também críticas negativas que discordaram de suas interpretações. Mas, entende que a sua tese contribuiu para abrir novas perspectivas de pesquisa nesse campo, tendo novos pesquisadores e influenciado na produção de outras teses.

Em relação à importância da obra *Vovó Nagô* na *Historiografia Sergipana*, ela não tem elementos para avaliar. Porém tem ciência que o livro é utilizado em alguns cursos, e há avaliações positivas por parte de alguns historiadores, como o Fernando Sá (2011) e Lindvaldo Sousa (20?). Para ela, carece-lhe visão de conjunto sobre a importância do livro na historiografia local, e isso é responsabilidade dos atuais pesquisadores. Porém sua principal colaboração intelectual para a *Historiografia Sergipana* são os estudos sobre os indígenas em Sergipe, campo de pesquisa da qual mais se aproxima da História.

Sua contribuição nessa área foi na busca pela documentação escrita, oculta nos arquivos, e que deu o trabalho de pesquisar para servir de arcabouço à escrita de diversos trabalhos referente as aldeias indígenas, com o objetivo de compreender o que aconteceu com os indígenas em Sergipe, dados extintos no século XIX. Escreveu também “*Os índios em Sergipe*” (1991), consiste em um texto didático que apresenta visão de conjunto sobre o trajeto indígena no território sergipano.

Na década de 1990, a professora publicou instrumentos de pesquisa como suporte para outros pesquisadores, trabalho que teve apoio do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII) da Universidade de São Paulo, que publicou *Repertório para a História Indígena – APES* (1993) e uma obra em conjunto *Documentos para a História Indígena no Nordeste* (1994), que compila resultado de levantamentos realizados por pesquisadores do Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Seguindo nesse ritmo, as pesquisas realizadas no plano local, dialogando com o Departamento de História da UFS e com o antropólogo Luiz Mott, tiveram proporção articulada com um Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências

Sociais (ANPOCS), e projetos de esfera nacional com o *Guia de Fontes para História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros*, coordenado por John Monteiro (1994). Essa articulação resultou na participação da professora Beatriz numa obra clássica de repercussão internacional: *História dos Índios no Brasil* (1992), coordenada por Manuela Carneiro da Cunha. A professora sistematizou e contextualizou sua contribuição nesse campo de estudo num texto publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (RIHGSE, 2017).

Para a professora Beatriz, o diálogo entre a Antropologia e a História sempre pareceu produtivo onde trabalhou muito nessa divisa, antes mesmo que a Antropologia abrangesse sua influência sobre várias áreas do conhecimento, mirando na História Cultural com uma extensa variedade de objetos e novos olhares de análises para historiadores.

Desde o seu primeiro livro, *A Taieira de Sergipe* (1972), ela entrelaça a Antropologia e História, e ao longo da obra, a intensidade aumenta. Para finalizar essa questão, a professora Beatriz relata um episódio de um estudo recente da mesclagem desses campos de conhecimento, e que perpassa pela obra *Vovó Nagô*. A historiadora Sharyse Amaral, ao organizar sua tese de doutorado sobre os libertos na zona de Cotinguiba em Sergipe (2007), na Universidade Federal da Bahia, trabalhou com inventários e testamentos que se encontram no Arquivo do Judiciário.

Ao ter contato com a documentação referente a Laranjeiras, como já tinha lido *Vovó Nagô*, descobriu os ascendentes de Bilina, que estavam listados no inventário do senhor de escravos que foi dono de sua avó africana. Mas haviam dúvidas sobre um africano liberto que aparece nos documentos oficiais como Herculano da Costa (referência à Costa da África) ou Herculano Barbosa (nome de família do antigo senhor), cujo inventário registrava um patrimônio significativo. Beatriz se indaga se seria ele o mesmo Herculano da Comendaroba que aparece em *Vovó Nagô*. Todas os sinais indicavam afirmativamente. Contudo, criteriosa, Sharyse procurou Beatriz para consultar se nos dados de campo da professora haveria algo que pudesse confirmar. Em uma das entrevistas com Bilina no início da década de 70, registra que o nome da mulher de Herculano de Comanderoba era Bernada, o mesmo que se encontrava no registro do inventário de Herculano Barbosa, um importante líder religioso que morreu em Laranjeiras em 1907.

Para a professora, as contribuições de Lilian Schwarcz, antropóloga de muitos trabalhos atravessados na Antropologia e História, assim como os trabalhos de Manuela Carneiro da Cunha, particularmente *Negros Estrangeiros* (1985) e *História dos Índios no Brasil* (1992), mostram a importância da mesclagem desses campos de conhecimento, enquanto na concepção teórica as obras de Marshall Sahlins ajudam a facilitar a relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda grande obra ou realização não surge do nada, existem motivações e ambições ocultas nela. Fica visível ao analisar a vida da professora Beatriz, que existe uma escala construída ao longo de sua carreira que possibilitou a elaboração de uma pesquisa extraordinária. Desde seu gosto pessoal até o convívio social contribuíram em partes na cosmovisão da professora e de alguma forma tangem na pesquisa.

Não somente foi uma pesquisa, mas também uma experiência de realização pessoal como antropóloga junto com sua amiga Bilina, que não pôde ver a publicação da sua história em livro.

Pode-se concluir também que a professora Beatriz sempre gostou do que fez, ama a pesquisa e a perspectiva da Antropologia de compreensão da realidade, tanto que atualmente, mesmo aposentada, ainda contribui para a construção do conhecimento. É uma pesquisadora que adota a postura antropológica de relativização e não deixa os preconceitos construídos intervirem no campo de pesquisa.

A obra *Vovó Nagô e Papai Branco* sempre terá lugar nas referências bibliográficas dos cursos de Ciências Humanas. Sua leitura possibilitará novas pesquisas nas temáticas sobre terreiros de candomblés.

REFERÊNCIAS

FONTES

DANTAS, Beatriz Góis. **Entrevista concedida a Matheus Tavares Souza**. Aracaju, 1 mar. 2019.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Graal, 1988.

NASCIMENTO, Afonso. Beatriz Góis Dantas. Revista TOMO, 1999, pp. 11-20

ARTIGOS

IFCH. **“Linhas de Pesquisa”**; IFCH UNICAMP. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/antropologia/13962/432/linhas-pesquisa>>. Acesso em 29 de março de 2019.

NAVEGADORBRASILEIRO. **“Professora da UFS lança livro internacional”**; Navegador Brasileiro. Disponível em: <<https://navegadorbrasileiro.wordpress.com/category/historia-do-brasil/page/2/>>. Acesso em 31 de março de 2019.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **"Os anos 80 no Brasil: aspectos políticos e econômicos"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/os-anos-80-no-brasil-aspectos-politicos-economicos.htm>>. Acesso em 31 de março de 2019.

RIDENTI, Marcelo. **Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960**. Tempo social, v. 17, n. 1. 2005, pp. 98-103